

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL (IACS)
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABIL. JORNALISMO

HANDEBOL

O pensamento leve faz a gente mudar

(DOCUMENTÁRIO)

ALEXANDRE CESÁRIO STRACHAN

NITERÓI
DEZEMBRO/2014



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE



IACS

INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PARECER

Aos 18 dias do mês de **dezembro de 2014**, reuniu-se no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense a Banca Examinadora designada para avaliar o Projeto Experimental de **Alexandre Cesário Strachan**, matrícula UFF 11130010, habilitação Jornalismo, sob o título "**Handebol: o pensamento leve faz a gente mudar**".

Em sessão secreta, a Banca deliberou pela: (X) aprovação () reprovação do(a) aluno(a), com a nota 9,5 (nove e meio.....).

A banca destaca a originalidade do tema, a proposta e desafios do projeto, o esforço de produção e a seleção dos conteúdos mas recomenda o ajuste de som, especialmente dos títulos e o uso de legendas nos momentos do vídeo em que o som não for audível.

Niterói, 18 de dezembro de 2014

Orientadora:

Denise Tavares:

Banca:

Renata Rezende:

Carla Baiense:

ALEXANDRE CESÁRIO STRACHAN

HANDEBOL

O pensamento leve faz a gente mudar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Fluminense, UFF, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social, com habilitação
em Jornalismo

Orientadora: Prof^a Denise Tavares

NITERÓI,

Dezembro, 2014

ALEXANDRE CESÁRIO STRACHAN

HANDEBOL

O pensamento leve faz a gente mudar

Memorial Descritivo apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial a obtenção do grau de bacharel em Comunicação/Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Denise Tavares – Orientadora

Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dra. Renata de Rezende Ribeiro

Universidade Federal Fluminense

Prof^a Carla Baiense

Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Assim como as meninas no Mundial em 2013 na Sérvia, eu realizei um sonho: terminar o documentário em menos de cinco meses. Porém a alegria não fica apenas na realização do projeto em pouco tempo, mas também na satisfação de ver um trabalho em que tantas pessoas acreditaram e me apoiaram.

Os mais importantes, sem dúvida, são meus pais, Michael Victor Strachan e Fábria Raquel Ferreira. Sem eles, eu não teria a oportunidade de estar na UFF. Toda a minha base, devo aos dois.

Aos meus seis irmãos, Anna, Yuri, Guilherme, Yves, Michelle e Yasmim, um agradecimento especial pelo carinho, atenção e apoio nesse momento tão desafiante da minha vida.

Não poderia esquecer as pessoas que estiveram junto comigo nesta trajetória de quatro anos, meus amigos da turma de jornalismo 2011.1 e uma menção honrosa aos colegas portugueses que conheci durante meu intercâmbio de um ano em Coimbra. Levo comigo um carinho especial pelos que tiveram participação direta na produção e me ajudaram a tirar do papel o documentário. Gustavo Lethier foi determinante no auxílio das gravações, além de passar toda sua experiência na realização do TCC, *Bola na Cesta e Mão na Taça*. Victor Bustamante aceitou prontamente ajudar nas filmagens, fora as dicas na hora da edição. Monique Danello não só aceitou ser entrevistada como proporcionou o encontro com alguns entrevistados. Por último, Mariana Ghetti, colega de turma e namorada, se dispôs a pegar na câmera e me acompanhar na missão de registrar todas as entrevistas.

Minha gratidão eterna a todos os que me ensinaram tanto na UCV, quanto no Esporte Interativo. Minha paixão pelo audiovisual cresceu muito depois desses estágios.

Por último, agradeço todos os professores da UFF pelos ensinamentos, pela atenção e vontade de passar o conhecimento. Aos examinadores da banca que aceitaram o convite para avaliar meu trabalho e, em especial, à Denise Tavares pelas orientações, conselhos e principalmente por ter acreditado na minha capacidade de realizar o projeto.

Todo o meu esforço e dedicação não seriam suficientes sem todas essas e outras pessoas que me acompanharam ao longo desses quatro anos de faculdade.

RESUMO

A conquista do Mundial Feminino de Handebol na Sérvia em 2013 foi uma conquista inédita. O documentário *Handebol - O pensamento leve faz a gente mudar*, produzido como TCC e orientado pela professora Denise Tavares, procura fazer um panorama deste título, e também mostrar, a partir de alguns personagens que vivem intensamente este esporte, como o percebem de forma geral, incluindo o seu futuro. Tais posições têm como referência a medalha de ouro, isto é, quais mudanças ela trouxe, o que é o handebol no país do futebol e, finalmente, o que esperar das Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. Com esta abordagem, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo valorizar o triunfo no campeonato mundial pelas meninas e, ao mesmo tempo, mostrar que se preocupa com o que está por vir. Ao todo, dez entrevistados compartilham suas visões, medos e anseios através de um produto audiovisual de 18 minutos, gravado de forma digital, com duas câmeras DSLR.

Palavras-chave: documentário, handebol, título, esporte, UFF

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REALIZAÇÃO.....	10
2.1 Pesquisa e pré-produção.....	10
2.2 Produção.....	12
2.3 Edição e finalização.....	15
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

1. INTRODUÇÃO

Do anonimato ao estrelato: pela primeira vez na história, o Brasil é campeão mundial feminino de handebol. O ano de 2013 vai ficar marcado na história de todas as jogadoras e comissão técnica, além dos amantes do esporte. No dia 22 de dezembro de 2013 as meninas entraram na quadra da Arena Kombank, na Sérvia, contra as donas da casa, com mais de 19 mil pessoas (recorde de público em um campeonato mundial feminino) torcendo contra. Mas, no final, o placar de 22 a 20 deu a vitória e o título inédito para o handebol nacional. No dia seguinte à conquista, todos os veículos de comunicação noticiaram o feito. Nascia aqui uma nova paixão nacional? Seria este o momento da reviravolta do esporte? Não se engane. Poucos meses depois, já não se ouve mais nada das campeãs mundiais. “A fama do mundo não é mais que uma rajada de vento que muda de nome quando muda de lado” (ALIGHIERI, 1999, p. 35-36). Essa frase de Dante Alighieri mostra exatamente esta fugacidade do reconhecimento da conquista, pois rapidamente o foco foi desviado para outros assuntos e as jogadoras deixadas de lado.

Eis, então, que surge a minha motivação. Ainda era preciso definir melhor os objetivos e o tema, mas a ideia inicial já estava presente. E ela ganha mais força pelo que já conhecemos dos esportes no Brasil. Não há o reconhecimento dos atletas de outras gerações, pois muitos são esquecidos ao longo do tempo. No que diz respeito ao handebol, pouco se conhece, pouco se sabe. Não porque as pessoas não gostam deste esporte. Na verdade, o motivo está na história esportiva do país.

O futebol chegou ao Brasil em 1894. O basquete dois anos depois. O handebol somente no início da década de 1930. Portanto, se comparado com dois dos maiores esportes nacionais, há um intervalo de mais de 30 anos. Além disso, o handebol demorou muito para se espalhar pelo país. Por quase três décadas ficou restrito a São Paulo. Coube ao professor francês Augusto Listello apresentar a modalidade a outros professores de outros estados, disseminando o esporte no território nacional. Neste meio tempo, o futebol já tinha conquistado duas vezes a Copa do Mundo e o basquete foi bicampeão olímpico. Se formos falar de Olimpíadas, o handebol só estreou em 1992, em Barcelona, quando a seleção masculina alcançou o 12º lugar. A feminina participou pela primeira vez dos jogos olímpicos em Sydney 2000. A melhor colocação das meninas nas Olimpíadas foi conquistada em Londres 2012, quando ficaram com a sexta posição. Sendo assim, em termos de história, o handebol ficou para trás em relação a outros esportes e demorou muito para conseguir se

firmar como esporte profissional. Já como amador, até hoje é um dos esportes mais praticados nas escolas.

Este quadro mostra uma falta de profissionalização e de apoio financeiro para que os clubes consigam se sustentar, pois como é um esporte pouco televisionado, não há patrocinadores que queiram investir no crescimento da modalidade. A transformação desta situação passa pela necessidade das pessoas conhecerem mais sobre o handebol, a sua realidade, os seus desafios, quem são os responsáveis pelo fortalecimento da marca, quem são as jogadoras e jogadores que já passaram pela seleção e quem joga atualmente. Dessa forma, é preciso dar voz aos personagens que buscam a cada dia o espaço do handebol no cenário nacional.

Ao conhecer um pouco desta realidade escolhi o handebol como tema do meu trabalho de conclusão de curso. Seria uma pequena contribuição, mas também mais uma iniciativa entre as poucas que sonham com um futuro melhor para a modalidade. Como amante do esporte, vi uma oportunidade única de me envolver e conhecer mais os seus desafios e conquistas.

O que me levou a fazer um documentário foi a minha paixão pelo audiovisual. Carrego isso comigo, desde que resolvi trocar a Engenharia pelo Jornalismo, pois foi o motivo principal para deixar a área das exatas e escolher as humanas. Durante os quatro anos de faculdade passei por dois estágios. Tanto na UCV quanto no Esporte Interativo aprendi muito sobre produção e edição de matérias televisivas. Portanto, nada mais justo que produzir um conteúdo audiovisual. Porém, a escolha pelo documentário seria um grande desafio, porque não tive nenhum contato prático durante a faculdade, mas a vontade de aprender e fazer algo diferente foi determinante na preferência pelo formato. “Fazer documentário implica uma questão essencial: há que fazer escolhas e questionar essas escolhas” (HOLANDA, 2004, p. 6).

E foi assim, através de escolhas e questionamentos, que fui aos poucos construindo o documentário. Mudanças aconteceram, ideias foram discutidas e caminhos percorridos até a finalização do projeto. De forma concisa, expus na introdução os motivos que me levaram a escolher o handebol e o documentário como formato. Em seguida, deixo mais claro na pré-produção a escolha do tema, sua delimitação, a escolha dos entrevistados, assim como as hipóteses formuladas. Em um segundo momento passo para a etapa da produção quando fiz as entrevistas e elaborei o roteiro. Por último, a edição e finalização do projeto, um dos percursos mais complicados e desafiantes para o fechamento do documentário.

2. REALIZAÇÃO

2.1 Pesquisa e pré-produção

Todo documentário começa com a escolha de um bom tema. Se for algo com que se tenha identificação, melhor ainda. No meu caso, foi tudo uma questão de estar no lugar certo e na hora certa (na minha avaliação, é claro!). A definição veio apenas durante a disciplina de Introdução à Pesquisa do professor Marco Schneider, mas já estava intrínseco. Faço parte da equipe de edição do Esporte Interativo, uma emissora de televisão localizada em Botafogo. Em dezembro de 2013 tive a oportunidade de ser um dos editores do Mundial Feminino de Handebol, disputado na Sérvia. Sendo o único canal a transmitir a competição, pude acompanhar de perto os bastidores da seleção e conhecer um pouco melhor a história das jogadoras. Foi neste momento, acompanhando toda a coragem, garra, luta e perseverança das "meninas", que voltei a me apaixonar pelo esporte que há tanto tempo me mobilizava como brincadeira.

A escolha do documentário foi a melhor forma que encontrei para contar a história delas. Apesar da pouca experiência e contato com o formato, resolvi arriscar por achar que o produto final ficaria melhor apresentável e mais relevante. “O moderno documentário geralmente trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador de relaciona-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural” (ALTAFINI, 1999, p. 2).

Quando chegou a hora de escolher o tema para o meu projeto final, fiquei em dúvida se realmente queria levar adiante a ideia de falar sobre handebol, uma modalidade com pouca representatividade e visibilidade. Qual seria a importância do trabalho se no cenário nacional o esporte é totalmente negligenciado? E foi a partir dessa premissa que joguei este ponto de interrogação para longe. Era preciso dar voz a essas meninas, proporcionar uma chance de mostrar para o país não só a conquista, mas um pouco delas também. “Acreditamos que o mais importante é considerar a necessidade da proposta de cada filme e a dinâmica do processo que se estabelece entre o filme e o contexto histórico-social em que ele é realizado” (HOLANDA, 2004, p.6).

Definido o tema, agora era hora de fazer a pesquisa. Mas como proceder, onde encontrar os relatos se o primeiro triunfo global da seleção feminina foi justamente o título do Mundial? Dessa forma, tive que correr atrás dos fatos, recuperar a história do handebol feminino. E conforme fui cavando as informações, mais fui me interessando pelo tema. Descobri que além do Brasil, só a Coreia do Sul conseguiu tirar a hegemonia das seleções

europeias, o que valoriza mais ainda a conquista. Notei uma rápida ascensão do esporte no cenário internacional. A primeira participação em Mundiais foi em 1995, na Áustria e Hungria. Já nas Olimpíadas, foi em Sydney no ano 2000. Em 2011, ficou em quinto lugar no Mundial disputado no Brasil. No ano seguinte, nas Olimpíadas de Londres, conquistou o sexto lugar. Para um ano mais tarde, sagrar-se campeã do Mundial na Sérvia.

O primeiro passo foi dado, conhecer um pouco da história da seleção feminina. O segundo transformou completamente a minha ideia inicial para o trabalho. Aos poucos fui tentando descobrir a vida das meninas de ouro. Quase nada encontrei, mas o suficiente para reconsiderar o foco do projeto nas jogadoras e no título. Como o handebol no nosso país ainda não possui uma estrutura adequada para organizar uma competição forte, quase todas as atletas jogam fora do país e apenas duas permanecem no Brasil: uma, em São Paulo e a outra, em Santa Catarina. Portanto, a questão logística fez com que repensasse a abordagem do documentário. A ideia era não deixar de lado o título mundial, mas este passou a ser um gancho para mostrar a visão das crianças e adultos em relação à modalidade, incluindo os desafios que percebem em relação ao futuro do esporte.

Após a delimitação do tema e os objetivos do trabalho, este avançou a partir de duas hipóteses centrais: Seria a pouca visibilidade e desvalorização do handebol um motivo para as crianças não seguirem no esporte? Seria o futebol o responsável pela falta de espaço da modalidade? Essas duas questões foram responsáveis diretas na produção das perguntas e na escolha dos entrevistados, o que me levou direto à Monique Danello, que é repórter do Esporte Interativo.

Danello acompanha, desde 2011, a seleção e, com isso, se aproximou das jogadoras, comissão técnica e outras pessoas ligadas ao esporte. Pelo seu envolvimento, não podia deixar de estar no documentário. E foi através dela que conheci o técnico da seleção e um dos entrevistados, Morten Soubak, além da ex-jogadora Zezé Sales, que mediu também o encontro com uma das jogadoras do seu clube Z5, Brenda Ramos. Os outros personagens consegui com uma mistura de sorte e faro jornalístico. Através dos amigos Roberta La Cava e do ex-jogador Thiago Moraes, consegui o telefone de Luiz Antônio Brasil, Vice-Presidente da Federação de Handebol do Rio de Janeiro e professor do Centro Educacional de Niterói. Foi um dos grandes responsáveis para que o projeto ganhasse corpo, pois, além dele, pude entrevistar o Presidente da Confederação Brasileira de Handebol, Manoel Oliveira; o ex-jogador, João Guerra; a professora, Silvia Branco e as alunas, Agatha Perlingeiro e Rebeca Colaco.

Nem todos os entrevistados citados acima foram definidos na pré-produção. Alguns foram selecionados conforme o andamento das gravações, conforme a adequação do roteiro e por oportunidades pontuais que surgiram. Terminada a etapa de pré-produção, era chegada a hora de mergulhar de vez no projeto e começar a tirar do mundo das ideias o documentário.

2.2 Produção

A fase de produção teve início no primeiro contato com Morten Soubak, o primeiro entrevistado. No caso, foi de extrema importância para conseguir fechar a entrevista. Penso que seja este o passo inicial, pois foi quando deixei um pouco de lado as propostas e parti em busca da realização do trabalho. Foi quando saí da zona de conforto, enfrentei o medo do fracasso e resolvi que era hora de tocar o projeto. É claro que não há uma transição natural entre a pré-produção e a produção, as duas etapas por vezes acabam se confundindo, por isso escolhi como ponto de partida o lançamento do livro *Raça Brasil*, da repórter Monique Danello, pois foi onde conheci o técnico da seleção feminina, Morten Soubak, além dos ex-jogadores Zezé Sales e João Guerra e o Vice-Presidente da Federação do Rio de Janeiro, Luiz Antônio Brasil.

A pré-entrevista, segundo as palavras de Puccini

São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado” (2009, p.182).

Foi o que fiz: estas entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro guia que facilitou a conversa com os entrevistados. Deste modo, confirmei, na prática, o que a revisão bibliográfica sobre o assunto me ajudou a compreender. Por exemplo, segundo Penafria, o documentarista "...substitui o guião por uma investigação de campo, por um bloco de notas. Este percurso pressupõe à partida uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro filme. Por vezes, um documentário é construído ao longo do processo da sua produção" (2001, p.4). Ou, ainda, nas palavras de Puccini: "Na etapa de pré-produção, a impossibilidade da escrita de um roteiro fechado, detalhada cena a cena, para filmes documentários ocorre em virtude do assunto ou da forma de tratamento escolhida para a abordagem” (2007, p.75).

Por isso, apesar de já ter uma ideia do roteiro, não tinha nada definido, pois não há como saber o que os entrevistados vão dizer e, dependendo das respostas, o roteiro pode ser

conduzido por outros caminhos. Outra questão importante de ir para as entrevistas sem um roteiro de questões muito fechadas, é que o encontro fica muito mais agradável, você desfruta mais da companhia da pessoa e se interessa muito mais pelas histórias. Pela falta de tempo de alguns entrevistados, o encontro era a única oportunidade de conseguir um material relevante para o trabalho. Com outros era até possível marcar mais de uma entrevista, mas o resultado foi satisfatório, portanto, não foi necessário.

Quando chegou a hora das entrevistas, tentei ao máximo deixar os entrevistados à vontade, apesar de, certas vezes, eu estar muito nervoso pela importância que dei ao trabalho e também pela relevância da pessoa. As perguntas eram formuladas de acordo com os entrevistados, alguns representavam a geração passada do handebol, outros eram aspirantes a jogadores e, por último, havia os que estavam envolvidos com o esporte. De alguma forma, mesmo os que não estão mais jogando, estão ainda no meio, lutando pela melhoria de condições da modalidade que outrora defenderam nas quadras.

Vale destacar que apesar de ter tentado um contato com as jogadoras que estão aqui no Brasil, não consegui organizar um encontro para entrevistá-las. Mesmo assim, não queria deixar de falar do título de campeãs no documentário, por perceber a dimensão de uma conquista como essa. Por isso, durante as entrevistas, buscava sempre trazer à tona o assunto Mundial Feminino de Handebol de 2013. Ainda que não tenha conseguido entrevistar as jogadoras, contatei três pessoas que tiveram participação direta e indireta na conquista. O papel do técnico Morten é indiscutível. Já a Monique Danello e a Zezé Sales fizeram parte da transmissão da competição: a primeira como repórter *in loco* e a segunda como comentarista. Foi assim que busquei contornar a dificuldade de contato com as campeãs sem deixar de abordar os bastidores e o triunfo na Sérvia.

Dificuldades técnicas tiveram de ser enfrentadas durante as entrevistas, embora nenhuma delas tenha inutilizado nenhuma das filmagens. Uma das dificuldades foi a falta de experiência. Nas gravações da Monique Danello e do Luiz Antônio Brasil, durante alguns minutos das filmagens, os dois saíram do enquadramento da câmera Nikon D5100 que estava no tripé e, portanto, a cabeça deles foi cortada. Outro problema ocorreu na entrevista do Morten Soubak: uma locação com pouca luz deixou algumas imagens levemente granuladas, tanto na câmera principal D5100, quanto na de mão, uma Canon Rebel T3. Como foi um trabalho que não possuía muitos recursos técnicos, não tinha muito como contornar a pouca iluminação, mas o material não deixou de ser aproveitado. O objetivo foi entrevistar os personagens na locação que fosse mais agradável para cada um para que, dessa forma, se sentissem mais à vontade na hora de falar. Este último objetivo foi atingido, e acredito que a

menor quantidade de equipamentos possível tenha contribuído neste sentido, já que as gravações sempre foram feitas por apenas duas pessoas.

No processo de realização do documentário foram utilizadas duas câmeras, a segunda também digital, porém com qualidade de resolução um pouco inferior. Somente a partir da segunda entrevista, o som foi captado com um microfone de lapela com fio da marca Yoga ligado a um gravador digital SONY, proporcionando uma boa qualidade na captura do áudio. O problema ficou com a primeira entrevista, pois além de estar em um ambiente barulhento, não portava o microfone de lapela, apenas o gravador digital e, por isso, o som ambiente vazou nas gravações. Dessa forma foi necessário utilizar o recurso das legendas para não deixar dúvidas sobre o que Morten estava falando. Além dele, também utilizei esse recurso nas minhas falas, pois como não portava um microfone próprio, o áudio foi captado pela lapela do entrevistado, portanto a qualidade não era muito boa. Tive a preocupação com todos os entrevistados de pegar um enquadramento em que valorizasse a paisagem ao redor, fazendo com que o plano ficasse mais atraente e rapidamente situasse o espectador no mundo do handebol. Como sempre foram manuseadas duas câmeras, uma ficou responsável pelo enquadramento em plano fechado ou médio do entrevistado com o auxílio do tripé, enquanto a câmera secundária era livre para transitar e modificar planos, buscar detalhes e dar um panorama também da situação da entrevista, na qual o entrevistador pode aparecer.

Outra dificuldade foi em relação às crianças. As entrevistas se mostraram mais complicadas com os mais jovens pois, pela pouca idade, muitos ficaram inibidos de falar para as câmeras e não prolongaram o discurso. Por isso, era preciso estimulá-los com uma pergunta seguida da outra. Além disso, foi preciso, antes mesmo de iniciar a conversa, criar um clima mais descontraído como se não houvesse a câmera ali, um processo bem complicado.

A ordem das entrevistas não foi pré-estabelecida e aconteceu conforme a disponibilidade dos entrevistados, o que acabou sendo prejudicial, principalmente porque a primeira foi com o técnico Morten Soubak, um dos personagens mais importantes para o documentário. À medida que foram se sucedendo as entrevistas, fui aprendendo com meus erros e aperfeiçoando os diálogos, além, é claro, de ganhar uma bagagem informacional. Morten teve que ser o primeiro, porque não mora no Rio e estava apenas de passagem pela cidade para prestigiar o lançamento do livro *Raça Brasil*, de Monique Danello. Portanto, foi uma oportunidade única e não tinha como deixar para depois.

Assim como Morten, o Presidente da Confederação Brasileira de Handebol, Manoel Oliveira, mora fora do Rio, mais especificamente em Recife, onde fica a sede da

Confederação. Portanto, só tinha uma oportunidade para entrevistá-lo pessoalmente, mas como foi uma das últimas entrevistas, tudo correu bem.

Já tinha conseguido pessoas importantes do mundo do handebol como Manoel Oliveira (Presidente da Confederação Brasileira de Handebol), Morten Soubak (técnico da seleção brasileira feminina de handebol) e Luiz Antônio Brasil (Vice-Presidente da Federação de Handebol do Rio de Janeiro), mas era preciso contrabalancear e foi pensando nisso que entrevistei alunos e uma professora do Centro Educacional de Niterói. Ao todo foram quatro estudantes, dois meninos, João e Igor e duas meninas, Agatha e Rebeca. A responsável por ensinar as crianças é Silvia Branco. Além deles, entrevistei a adolescente e jogadora do Z5, clube comandado por Zezé Sales, Brenda Ramos.

Por outro lado, precisava de pessoas que vivenciaram o esporte, ou melhor dizendo, que praticavam o handebol profissionalmente, pois dessa forma teria uma visão de atletas e ex-jogadores. E foi aí que entraram João Guerra e Zezé Sales, que me ajudaram a entender melhor a modalidade, os problemas que enfrentaram e os desafios que estavam por vir, mas agora fora das quatro linhas.

Para "amarrar" o documentário, entrevistei a já citada repórter Monique Danello. Ela foi enviada pelo Esporte Interativo para acompanhar as jogadoras de perto e, como já destaquei, vem fazendo esse trabalho desde 2011, antes do Mundial no Brasil no mesmo ano. Durante mais de três anos esteve perto da seleção feminina e conhece como ninguém os bastidores e o próprio time e comissão técnica. Por isso a importância em entrevistá-la, pois através dela conheci um pouco mais da história das atletas e o que representou a conquista para o grupo.

Além de aceitar o convite para a entrevista, Monique Danello ajudou muito na questão das imagens. No documentário foram inseridas sonoras e imagens de apoio do Mundial na Sérvia e grande parte delas foi cedida pela repórter, através do Esporte Interativo.

Com as entrevistas em mãos, era hora de começar a última etapa do documentário. Uma das fases mais prazerosas, mas que mostrou ser bem complicada e demorada. Agora era preciso editar o material bruto e transformá-lo em um documentário.

2.3 Edição e finalização

Foram mais de dez entrevistas, doze no total para ser mais exato. O desafio seria enorme na edição: era preciso decupar o material gravado para facilitar a montagem do documentário. É claro que ao longo das entrevistas o processo criativo já começa a trabalhar e há uma esquematização involuntária na cabeça. Vale lembrar que para o projeto propus duas hipóteses. A primeira, no que diz respeito a pouca visibilidade e desvalorização do handebol

como um motivo para as crianças não seguirem no esporte, obtive respostas controversas. Por um lado, os mais jovens sentem a pressão de largar os estudos para seguir uma carreira profissional, sendo que não há nenhuma garantia de sucesso e retorno financeiro. Por outro, alguns acreditam que se a pessoa realmente quiser fazer do handebol a sua profissão, basta ela querer e correr atrás do seu sonho, mostrando que mesmo com todos os problemas, é possível jogar profissionalmente. Mas, o fato é que as justificativas para não continuar no esporte vão muito além da questão financeira e do reconhecimento em alguns casos pois, vivenciar o handebol apenas como um *hobby* e a vontade de seguir outras carreiras estão entre os outros motivos.

Em relação à segunda hipótese, que coloca o futebol como responsável pela falta de espaço para a modalidade, todos acreditam que o esporte mais popular do país tem a preferência nacional, mas que a barreira da monocultura já foi quebrada. Alguns citaram os exemplos do basquete e do vôlei, que foram esportes que conseguiram fortalecer as competições em nível nacional, conseguindo, inclusive, contratos televisivos e propuseram o mesmo caminho para o handebol: além de viabilizar competições nacionais, o esporte, para estas pessoas, deve buscar patrocínios e aproveitar o sucesso da modalidade tanto na quadra, quanto na areia.

Confesso que estas falas deram ainda maior motivação e sentido para o meu TCC pois todos enfatizaram a necessidade de dar voz e cada vez mais espaço para outros esportes no Brasil, além do futebol e, hoje, também do vôlei e do basquete. Afinal, não adianta as jogadoras, a comissão técnica, os representantes e todos os outros envolvidos com o handebol batalharem para conseguir melhorias e títulos, se os esforços não são reconhecidos e, mais importante, se não trazem um retorno para o handebol como um todo. Este sentimento entre todos os entrevistados é tão forte que ao final de cada gravação confesso ter recebido muitos elogios pela escolha do tema do meu TCC.

Mas, apesar destas palavras serem, claro, bastante animadoras, o fato é que a fase de edição e finalização mostrou ser um momento complicado pois, mesmo tendo iniciado esta etapa de acordo com o cronograma pré-estabelecido, o tempo era curto: em apenas cinco meses foi preciso passar pela pré-produção, produção, edição e finalização do TCC. Era preciso seguir o ritmo das duas últimas fases, pois não adiantaria todo o esforço para pesquisar, agendar e realizar as entrevistas e decupar o material se, no final, a edição e a finalização não fossem bem feitas. Mesmo sendo “apenas” um trabalho de conclusão de curso, o objetivo sempre foi fazer um documentário com o mais alto nível de qualidade dentro

dos limites de condições de realização que tive. De todo modo, procurei me basear nos autores que deram base a meu trabalho:

O roteiro de edição será resultado de uma leitura atenta das imagens e sons contidos no material bruto. Esse roteiro poderá ou não seguir a estrutura proposta pelo tratamento escrito na fase de pré-produção, texto que serviu como mapa para orientar as filmagens e definir os principais pontos de interesse do documentário (PUCCINI, 2007, p. 187).

Depois de uma primeira decupagem rasa para a retirada dos excessos, foi feita a sincronização das capturas de áudio com as imagens da entrevista, já que foram gravados separadamente. O *software* utilizado desde o início para todos os processos de edição foi o Adobe Première Pro CS6.

A partir deste ponto, foi possível começar a esboçar uma sequência narrativa. Minha opção já era a de não usar a narração com voz *over*, porque queria que a história fosse contada pelos personagens e não queria ter nenhuma participação direta. Além disso, o número de entrevistas realizadas reafirmou a ideia inicial, pois com doze pessoas era suficiente montar o documentário sem um *off*.

O roteiro passou por modificações ao longo dos meses. A mais significativa já foi mencionada anteriormente, mas vale ressaltá-la aqui: a ideia inicial era falar única e exclusivamente sobre o título no mundial feminino de handebol 2013, porém não foi possível entrevistar as jogadoras campeãs mundiais. Portanto, outro caminho teve que ser escolhido e após uma longa conversa com a minha orientadora, Denise Tavares, resolvemos expandir um pouco mais o projeto sem deixar de falar da conquista. A ideia era expor um pouco mais do handebol no cenário nacional, perceber como o esporte é visto pelas crianças, o que foi feito depois da conquista e o futuro da modalidade.

A importância da orientadora no processo de construção do roteiro precisa ser destacada. Como não tinha nenhuma experiência com documentário, os conselhos e ensinamentos foram incorporados com muito mais vontade. Mostrei um recorte inicial, mas em um primeiro momento, não juntei as partes em um todo. Logo, tinha bons segmentos das entrevistas, porém não sabia se fazia algum sentido quando os juntassem. Nas próximas reuniões trouxe um material mais completo. Mesmo assim, faltava fugir do convencional.

Para tal, o documentário se inicia com imagens dos últimos minutos do último jogo do Mundial na Sérvia, além do áudio da narração e do som ambiente, inseri alguns trechos do áudio da Rebeca e Agatha. Em um primeiro momento João e Igor faziam parte da interação, mas como a conquista foi da seleção feminina, nós achamos mais coerente duas meninas.

Portanto, enquanto as últimas imagens da final são exibidas, transcorre fragmentos da entrevista sobre o futuro delas em relação ao handebol.

Antes mesmo de terminar o bate-papo com as jovens, entra o título do documentário *Handebol: o pensamento leve faz a gente mudar*, letras brancas e fundo preto para que dessa forma fique em destaque. Aproveito este momento para explicar a escolha do título. Durante a disputa do Mundial na Sérvia, as jogadoras escolheram como música tema *Celebrar*, de *Jammil e Um Noites*. Um dos versos da canção é “o pensamento leve faz a gente mudar”, e este trecho ficou ressoando forte se sobrepondo como um título que traduzia, para mim, o que chamo de "essência" deste documentário. Isto porque, por um lado, representa o triunfo das atletas já que pode simbolizar a canção que elas adotaram como um "hino informal" e, por outro, a frase parece indicar um caminho que pode ser percorrido para que as mudanças aconteçam, de fato, para que o handebol cresça profissionalmente no país. O fundo preto com as letras brancas indica um esporte pouco reconhecido, mas que busca seu espaço e quer mostrar a sua cara. A fonte *Myriad Pro Bold* é forte e chamativa e está presente no título, informações e créditos: dessa forma realça a importância do que está escrito.

De volta para o documentário, o roteiro conta duas histórias em paralelo que acabam por entrar em convergência: handebol amador e profissional. Procuro mostrar um pouco da importância da medalha de ouro para fortalecer as categorias de base mas, ao mesmo tempo, a relevância de surgirem novos atletas para manter o alto nível de competitividade nas competições nacionais e na seleção.

O documentário segue o seu curso após o título aparecer. Há uma divisão em três grandes partes e dentro delas subdivisões:

- visão do handebol – como futura profissão
 - em relação aos problemas e dificuldades no processo de profissionalização.
- título mundial – significado para os representantes da modalidade
 - o que representa para os envolvidos com a conquista
- futuro do handebol – os caminhos a serem percorridos
 - as Olimpíadas de 2016

O documentário é todo construído em cima das entrevistas e para que não fique uma seguida da outra, foram inseridos alguns "respiros" (ou, "tempos mortos", como se diz no audiovisual). Outro recurso utilizado foi o uso das perguntas para que dessa forma o espectador fique situado e, ao mesmo tempo, tenha um intervalo entre os entrevistados.

Em termos das imagens das entrevistas e de apoio, todas tiveram um ajuste na cor e o uso do preto e branco foi descartado, pois a ideia era transparecer a atualidade do tema e manter viva a conquista da medalha de ouro. Um problema encontrado foi a diferença de resolução nas filmagens obtidas com câmeras diferentes (a resolução do formato final é de 1920x1080), por um lado a câmera principal, Nikon D5100, filmou em 1920x1080, por outro a secundária, Canon Rebel T3, gravou em 1280x720, mas ao passar as filmagens para 1920x1080 não houve perda significativa de qualidade.

A câmera secundária serviu para ter uma quebra no plano fechado ou médio, mudando o enquadramento, contribuindo para uma riqueza maior dos detalhes como expressões faciais, gestuais e dando um realce estético também.

O problema do teto nas gravações, resultado de um descuido na hora do enquadramento dos entrevistados e conseqüentemente o corte da cabeça, foi resolvido com a mudança de *fullscreen* para *widescreen*. Dessa forma, houve uma suavização com a inserção do preto tanto em cima quanto embaixo.

Outra opção quanto à edição foi o uso, na maior parte das vezes, do corte seco de uma fala para outra, de um personagem para outro, e o uso de efeito de suavização para imagens e de áudio também em alguns momentos. Essa passagem de um entrevistado para outro buscou dar mais ritmo e dinamismo para o documentário. Mas, como dito anteriormente, foram necessários alguns "respiros" para que o documentário não ficasse muito "maciço", com excesso de informação.

A ideia do trabalho foi mostrar o handebol pela visão de pessoas que têm uma paixão pelo esporte, seja pela diversão, seja pelo trabalho. Por isso, a necessidade de ter múltiplas vozes no TCC. Dessa forma, espero ter conseguido mostrar um pouco de cada lado. O documentário tem menos de 20 minutos logo, não há como aprofundar algumas discussões e até mesmo a conquista do mundial. Para encerrar o vídeo, foram se alternando imagens das jogadoras comemorando e das crianças jogando handebol. A ideia é mostrar que pode haver apenas uma linha tênue entre o esporte amador e profissional, desde que haja uma perspectiva de investimento maior dos envolvidos com o esporte, para que a transição de um para outro seja feita quando for este o desejo e o talento de qualquer atleta. Além disso, inseri algumas informações ao final do documentário para que as pessoas conheçam um pouco da história do handebol.

A trilha também acompanha as informações escritas e os créditos finais. As músicas selecionadas foram as "trilhas brancas" e são apenas instrumentais e foram escolhidas a partir de ritmos que reforçam o clima de cada entrevista.

Por fim, para o tratamento final, tive que equalizar sons, regular volumes e, outra vez, revisar detalhes de transições e imagens, como balanceamento de cores, o que também já vinha sendo feito.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de fazer um documentário como trabalho de conclusão de curso vem de muitos períodos atrás. O gosto pelo audiovisual foi o que sempre me motivou a seguir no curso de Jornalismo. E os estágios que fiz enquanto estive na faculdade, reforçaram este desejo. Portanto, com o perdão do chavão, para mim é como encerrar o curso com *chave de ouro*. O formato que escolhi se mostrou desafiante. Até então, os únicos contatos com este gênero aconteceram quando assisti a outros documentários. Tirando isso, pouco sabia sobre as etapas de construção, assim sendo as dificuldades foram grandes, mas a vontade não ficou para trás. “(...) percebe-se que o documentário é um gênero bem mais exigente que o gênero da ficção tanto no que diz respeito a questões de ordem técnicas como também em relação ao envolvimento do realizador para com o assunto abordado” (PUCCINI, 2007, p. 235).

No que diz respeito ao tema, apesar de ter uma paixão pelo futebol, surgiu a oportunidade de falar sobre o handebol. E não poderia ter ficado mais feliz com a escolha, pois após ter acompanhado a trajetória destas jogadoras no Mundial na Sérvia, o interesse, respeito, orgulho, carinho por elas só aumentou no processo de produção do documentário. E eu, como amante de esportes, pude estar em contato com uma modalidade pouco visada e valorizada. Penso que, por mais que seja um pequeno passo, já contribuí para deixar marcado na história deste esporte a conquista de uma medalha de ouro. Vejo este feito como algo, mas ainda com um reconhecimento muito pequeno.

Quanto a mim, a realização deste trabalho foi um processo que, mesmo com o desgaste natural, foi aproveitado em cada momento. Procurei escutar e aprender muito, não só através das palavras da minha orientadora, mas também de todos aqueles que concederam entrevistas. Conhecer mais sobre a história de vida de cada um, suas lutas pessoais, suas frustrações, seus medos, seus sonhos me motivou ainda mais a seguir na profissão. Apesar de não poder mostrar para todos, pois o tempo não permite, são aprendizados e emoções que vou procurar transmitir e levar comigo nas próximas etapas da minha vida.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: purgatório*. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré. – São Paulo, 1999.

ALTAFINI, Thiago. *Cinema Documentário Brasileiro*. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.pdf> Acesso em 27/11/2014.

DANELLO, Monique. *Raça Brasil*. Rio de Janeiro: BB Editora, 2014.

HOLANDA, Karla. *Documentário brasileiro contemporâneo e a micro-história*. Revista Fenix. Campinas, jan-mar, 2006.

HOLANDA, Karla. *O documentário brasileiro contemporâneo e as escalas macro e micro*. Disponível em: http://www.asaeca.org/aactas/holanda__karla_-_ponencia.pdf Acesso em 28/11/2014.

PENAFRIA, Manuela. *O ponto de vista no filme documentário*. Covilhã, Portugal, 2001.

PUCCINI, Sérgio. *Introdução ao roteiro de documentário*. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_serjio_puccini.pdf Acesso em 28/11/2014.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de Documentário– Da Pré-produção à pós-produção*. Campinas: Papyrus, 2007.

http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=27174 Acesso em 27/11/2014 – história do handebol.

<http://www.cbf.com.br/Museu/?lang=por> Acesso em 27/11/2014 – história do futebol.

<http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/BasqueteBrasil> Acesso em 27/11/2014 - história do basquetebol.